

produção, os povos são igualmente fatos da natureza, mas, em sua estreita interação, constituem também uma realidade de ordem superior: configuração espiritual e criação da vontade. Embora entendendo assim, em seus justos termos, a proporção etno-biológica, em outro setor a autora, por outro lado, não deixa de penetrar em zona crítica. É que a maioria dos mecanismos de decadência não é de natureza biológica, mas social; são representações e atitudes ligadas à existência social, como a da limitação da natalidade, que, por seu turno, determinam o curso biológico da vida dos povos. Ao contrário do animal, o homem, como indivíduo e como grupo, é o ser que não sofre apenas o seu processo vital, explicável por via biológica, mas que também o promove e orienta neste ou naquele sentido. Todavia, essa ordem de cogitações conduz a uma questão fundamental, a de se saber até que ponto é possível uma etno-biologia histórica que não deva ser substituída por uma história social e cultural concernente a fenômenos biológicos.

Quanto ao conteúdo, o trabalho se caracteriza pela largueza do horizonte, por uma série de resultados positivos e, ainda, por numerosas observações particulares altamente sugestivas. Cumpre salientar que os resultados excedem em muito, quanto à importância, a explicação da morte dos povos. Esta é um simples fenômeno marginal, que tem ocorrido uma vez ou outra na existência da humanidade. A regra é que os povos não morrem, se bem que a maioria dos grupos étnicos sofra, no correr dos milênios, profundas transformações em sua estrutura cultural, social e biológica. E a discussão de Schwidetzky não explica apenas a morte histórica de determinadas etnias; põe a descoberto também as fases dos fenômenos de decadência que, sendo de natureza biológica, se manifestam no decorrer da vida de quaisquer povos.

*E. A. von Buggenhagen*

WILLY HELLPACH: *Mensch und Volk der Grosstadt*. 153 págs. Ferdinand Enke Verlag, Stuttgart, 1952. Preço: Er. DM 12.—, enc. DM 14.70.

O livro deste cientista multi-versado e vivaz é sugestivo como a maioria das suas obras, prendendo a atenção do leitor não só pelo conteúdo, como também pelo modo de formular e coordenar o material.

O fato de se tratar de uma contribuição alemã para o estudo científico dos grandes centros urbanos talvez possa aumentar o interesse da obra. Esse estudo teve nos últimos vinte anos uma história peculiar. Durante treze anos, realizou-se sob o controle, senão mesmo sob a pressão de poderes políticos. A circunstância de terem sido destruídos os objetos da investigação, a própria cena da existência metropolitana, talvez não tenha deixado de influir, decisivamente, na maneira de tratar o assunto.

A pesquisa científica dos grandes centros urbanos só pode ser realizada, segundo Hellpach, mediante o recurso a diversas disciplinas complementares. Essa idéia, hoje corriqueira ("interdisciplinary research"), é acentuada de modo particular em face da deplorável circunstância de ter sido posta de lado na criação da ciência do jornalismo. É a união de várias ciências especializadas, a "Universitas Litterarum", mormente de geografia, psicologia social, ciências econômicas, antropologia, meteorologia, climatologia, física, etnologia, higiene, estatística, folclore, genealogia, etc., a única forma de se conferir consistência a esse tecido produzido conforme padrões tão diversos.

Servindo-se de amplo acervo de conhecimentos e resultados das ciências mencionadas, o autor consegue apresentar considerável variedade de

ideias relacionadas com o tema, subdividindo o material segundo os seguintes itens: Tipologia da População Metropolitana, Psicofísica da Vida Metropolitana, Caracterologia do Habitante Metropolitano. Parte importante da obra é constituída de umas tantas questões e hipóteses de cuja formulação o cientista não deve por certo abster-se, mas que, pela impossibilidade de, por enquanto, fundamentá-las em bases fatuais, podem ser consideradas apenas como possíveis (e em alguns casos mesmo como audazes e até fantásticas); entre essas questões estão as tentativas de indagar se alimentos provindos de terras distantes do seu consumo ou a interrupção da radiação telúrica pelo calçamento das ruas não poderiam ter reflexos na existência biológica. O livro é rico em sugestões que, embora relacionadas apenas indiretamente com o tema, estimulam a reflexão do leitor. Assim, a discussão acêrca da importância histórica e universal da meticulosidade filológica, a evocação do juízo de valor, de Demócrito, a respeito da ciência, (p. 129 e s.), observações sôbre formas típicas do erro (p. 63), incursões no terreno da história, etc.

Conteúdo e forma das exposições revelam o autor como cientista que passou décadas a fio no convívio com objetos de vários campos de investigação e cuja fôrça parece residir no estabelecimento de conexões conceituais que tendem a ultrapassar as ciências especializadas. Assim consegue inspirar o leitor pela plenitude do jôgo de perspectivas. Parece impôr-se, no entanto, uma reserva. Quanto ao grau de validade das proposições, o texto nem sempre permite entrever a diferença entre conhecimentos comprovados, hipóteses e simples idéias — fato que pode confundir a mente do leitor, em particular do que se inicie na especialidade.

Toma-se conhecimento, com um sentimento de alívio (na página IX), de que o autor não pretende estar inteiramente a par da literatura existente sôbre a matéria, especialmente da que se publicou em outros países. Se a exposição estivesse à altura da bibliografia atual, certamente algumas das perspectivas sofreriam acentuação diversa e possivelmente ainda outros momentos viriam ocupar o primeiro plano.

O raciocínio científico sofre também a influêcia de certa orientação valorativa no tocante ao fenômeno da metrópole, orientação bem própria do homem oriundo da esfera cultural alemã. Como quer que seja, o que o livro perde a êsse respeito em objetividade científica é compensado pelo seu valor como documento cultural do nosso tempo: indalítavelmente, um homem como Hellpach, tão profundamente integrado nas melhores tradições nacionais em sua maneira de julgar os fenômenos, não é um simples indivíduo isolado na posição que toma frente ao problema da metrópole; é, certamente, representativo para muitos alemães cujo pensamento se encontra em transição entre uma perspectiva determinada pela sua cultura e a pura objetividade científica.

*E. A. von Buggerhagen*

THEODOR LITT: *Staatsgewalt und Sittlichkeit*. 127 págs. Erasmus Verlag München, 1948.

Escrito nos anos atribulados da guerra, êste livro vale por uma resposta às condições altamente problemáticas do estado alemão naquele período. Não obstante, o autor soube manter atitude tranqüila e sobranceira, sem que qualquer ressentimento lhe turvasse a visão e o impacto de fatos particulares lhe desfigurasse as proporções e a perspectiva do pensamento. Encara, ao contrário, as relações entre o estado e a moral com elegância de raciocínio e expressão lingüística dignas de um Lessing e se a exposição re-